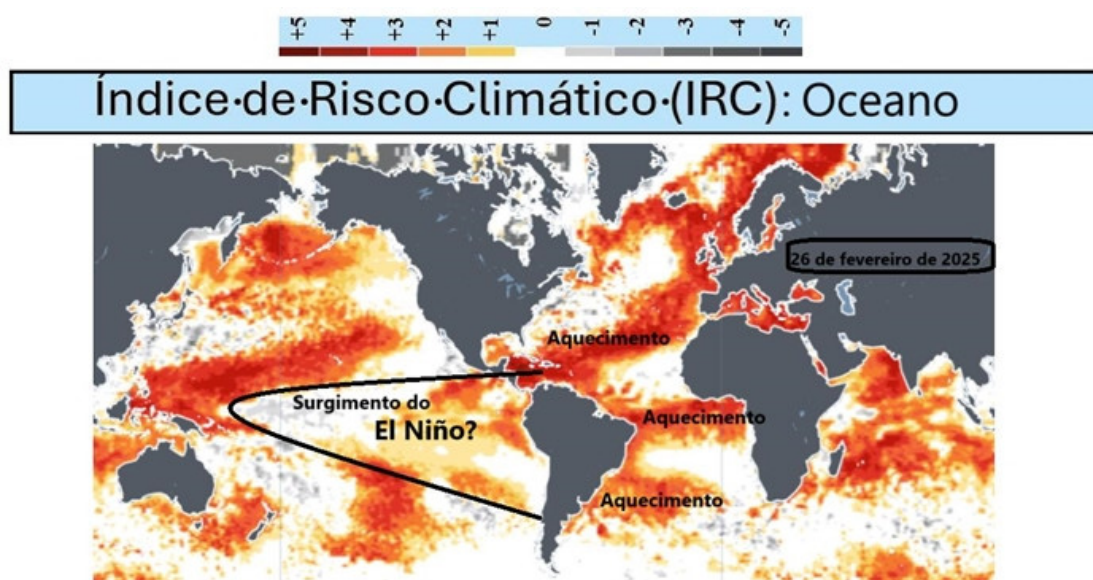


# La Niña perde força e Pacífico mais quente já sinaliza para um El Niño

Por Letras Ambientais

criado em: 01/03/2025 | atualizado em: 01/03/2025 15h22



O [La Niña](#) surgiu no início de janeiro, com características atípicas e **sem intensidade suficiente para haver o acoplamento** da atmosfera com o Pacífico mais frio. O fenômeno foi incomum, já que várias regiões do mundo enfrentam, há alguns meses, [condições semelhantes às de um El Niño](#). É o caso da seca e incêndios no norte da Califórnia, e da estação chuvosa

irregular no Nordeste brasileiro.

De acordo com o mapa do [Índice de Risco Climático](#) (*Veja imagem acima*), **enquanto o Atlântico apresenta águas bem mais quentes do que o normal**, o Pacífico tropical também já mostra sinais de aquecimento. Com isso, parece que o [La Niña fraco](#) já se dissipou, estando em uma condição de neutralidade do El Niño Oscilação Sul (ENOS).

Se esse aquecimento [se repetir por três meses consecutivos](#), passa-se **da condição de neutralidade para um El Niño**. As informações são do meteorologista Humberto Barbosa, fundador do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites ([Lapis](#)).

O surgimento de condições atmosféricas semelhantes às de um La Niña também foi incomum, pois ocorreu **antes mesmo do resfriamento significativo do Pacífico tropical**. O La Niña é a fase fria do ENOS, marcada por temperaturas da superfície do mar mais frias do que o normal no Pacífico tropical.

Há mais de um ano, [os oceanos globais estão muito mais quentes](#) do que a média, o que pode ter **contribuído para o atraso de La Niña**. Além disso, a mudança climática pode estar influenciando mais do que o esperado.

Segundo Humberto, é mais difícil de se prever o início ou o fim de um El Niño ou La Niña, do que quando esses fenômenos já estão ocorrendo. Atualmente,

**há também um acoplamento mais fraco** entre o Pacífico e a atmosfera, devido à redução da temperatura no oceano Pacífico tropical.

*“Para haver um El Niño ou La Niña, há um ponto fundamental: o acoplamento entre oceano e atmosfera. A gente ressaltou desde janeiro que o La Niña não estava devidamente estabelecido. Não houve de fato um La Niña, porque faltou a resposta da atmosfera ao resfriamento do Pacífico, explica o meteorologista.*

Humberto acrescenta que em um cenário comum de La Niña, **as temperaturas da superfície não estariam tão altas**, em algumas regiões brasileiras. No Nordeste, por exemplo, há áreas muito secas e quentes. É um cenário atípico. [Só a mudança climática não explica](#) essas altas temperaturas.

Além disso, segundo a [nova pesquisa](#) realizada pelo Lapis, os eventos de El Niño, nas últimas duas décadas, **não tiveram impacto no aumento das áreas de incêndios florestais** na Amazônia. As queimadas na região são deliberadamente deflagradas, de forma ilegal, por madeireiros e grileiros.

>> **Leia também:** [Pesquisa mostra como manejo do fogo combate à mudança climática na Amazônia](#)

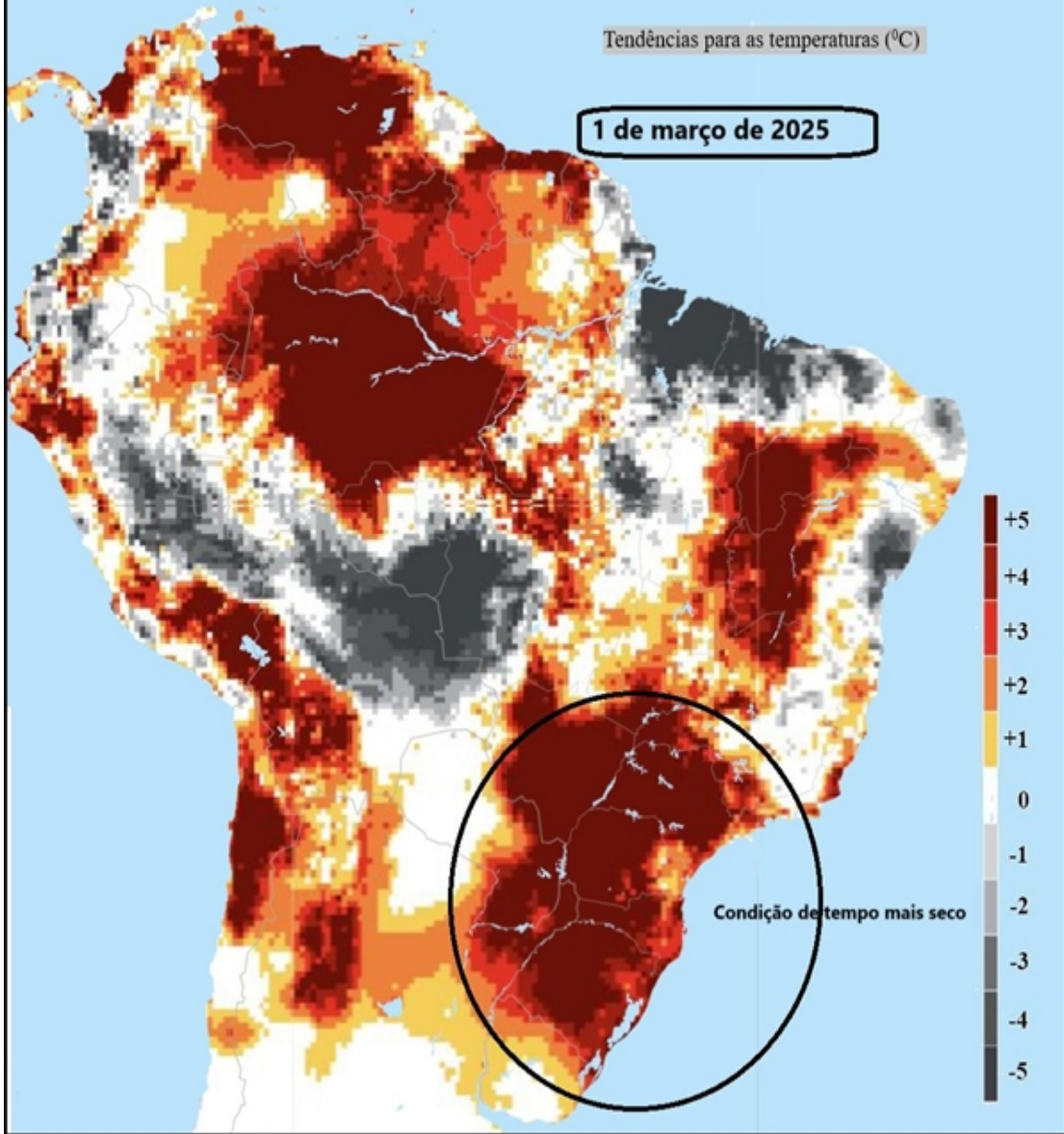
## As regiões brasileiras com maior índice de calor atualmente

# Índice de Risco Climático (IRC)

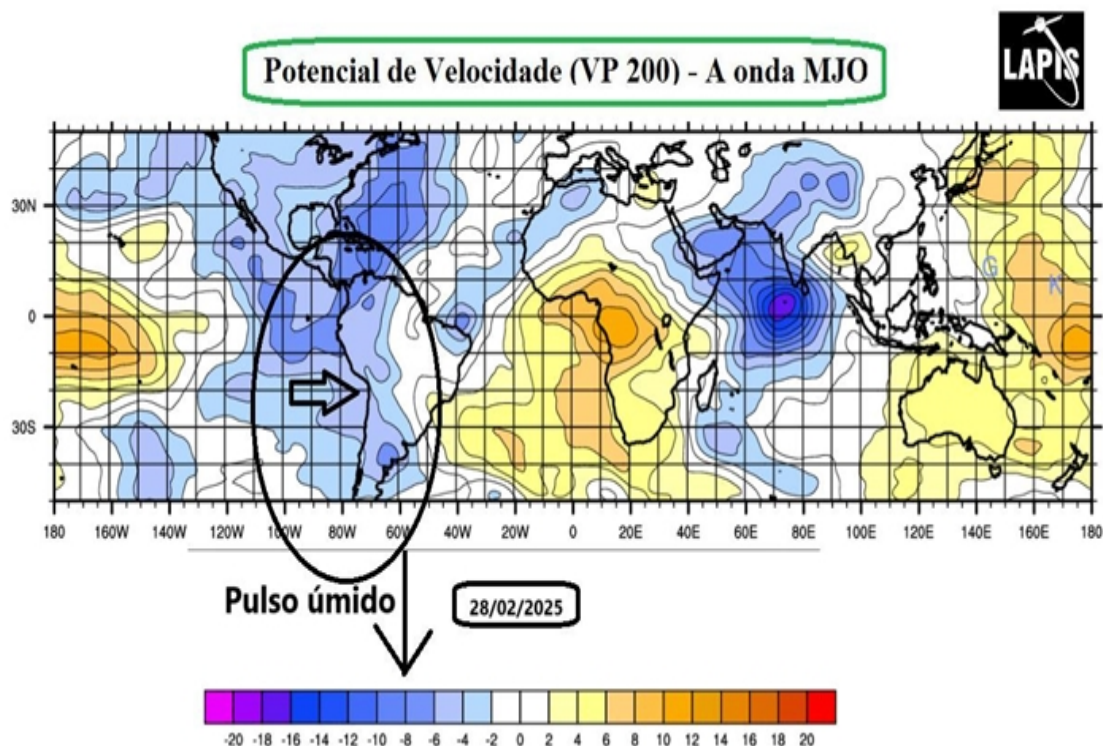


Tendências para as temperaturas (°C)

1 de março de 2025



O [alto índice de calor](#) se concentra atualmente em municípios do Centro-Sul e da Amazônia, além da área central ao oeste do Nordeste. **A atual fase úmida da Oscilação Madden-Julian (OMJ)**, que passa pelo Brasil, piora a [situação das altas temperaturas](#) e umidade relativa do ar (*Veja mapa abaixo*).



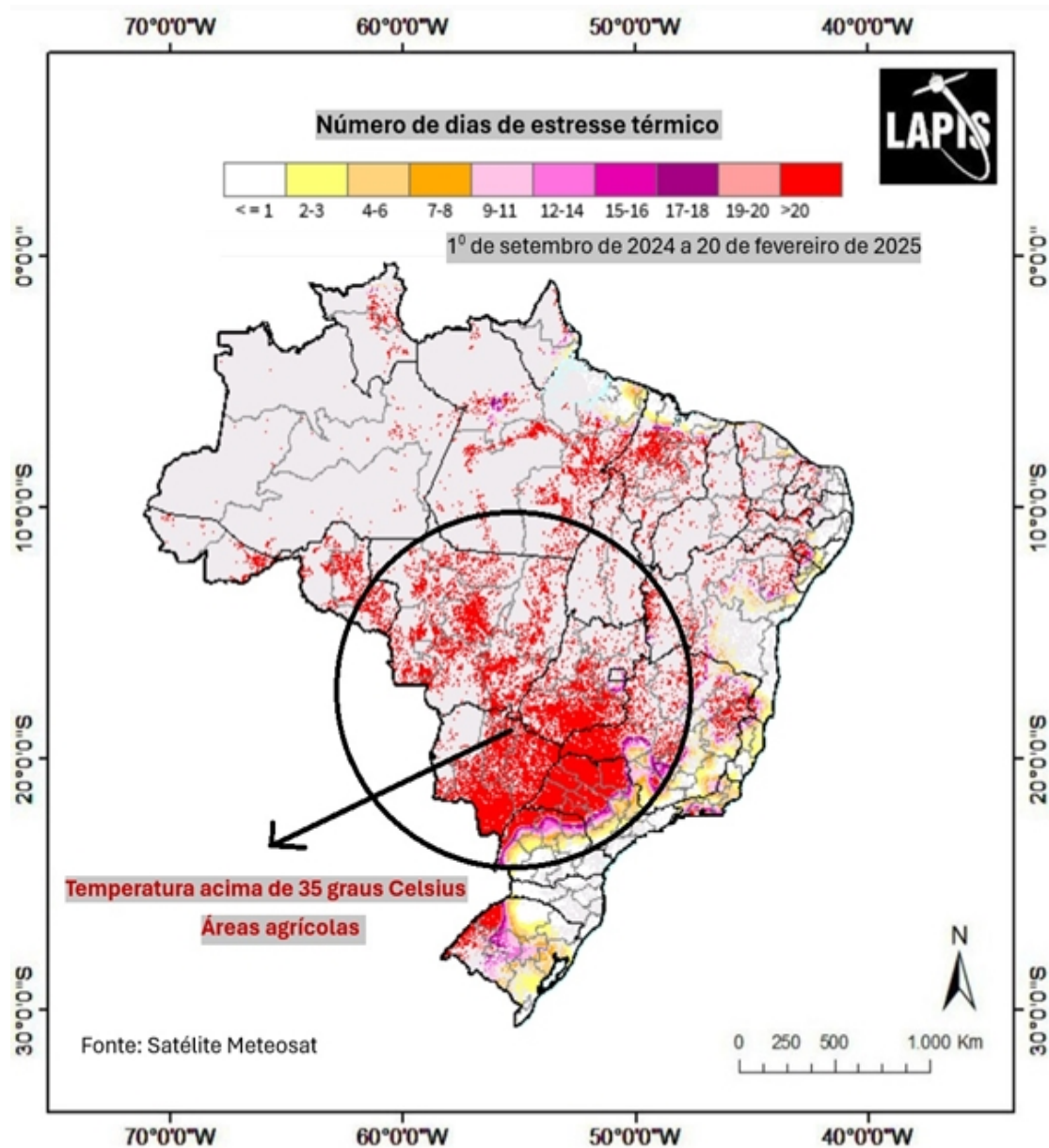
Uma condição de **tempo mais seco deve se estabelecer sobre a região Sul**, deixando o tempo estável, com Sol na maior parte do dia e altas temperaturas à tarde.

A previsão é de redução nas chuvas. Porém, devido ao forte calor, não se descarta a possibilidade de algum evento isolado de chuva. Por outro lado, **na porção norte do Nordeste**, as áreas em cinza mostram muita nebulosidade, com chuvas acima da média.



>> **Leia também:** [Até que ponto as previsões climáticas correspondem à realidade?](#)

## Mapa mostra áreas agrícolas brasileiras com recorde de exposição ao calor



O Laboratório Lapis lançou um novo produto de monitoramento do calor extremo sobre a agricultura brasileira. **O mapa do número consecutivos de**

**dias com altas temperaturas** mostra as regiões agrícolas mais afetadas por estresse térmico, desde setembro do ano passado até o último dia 20 de fevereiro deste ano.

No mapa, as áreas em vermelho indicam onde a temperatura máxima diária **excede o limite de temperatura de 35 °C**, durante o período analisado.

Estresse térmico é um efeito das mudanças climáticas, **que causa dias mais quentes**, incêndios florestais e ondas de calor. O principal efeito das mudanças climáticas é o aumento da temperatura média global.

Isso significa que, em geral, **as temperaturas estão mais altas do que no passado**, tornando mais frequentes os dias quentes e as ondas de calor, que podem reduzir a produtividade de culturas agrícolas, como soja e milho. Essas lavouras são altamente suscetíveis ao calor extremo.

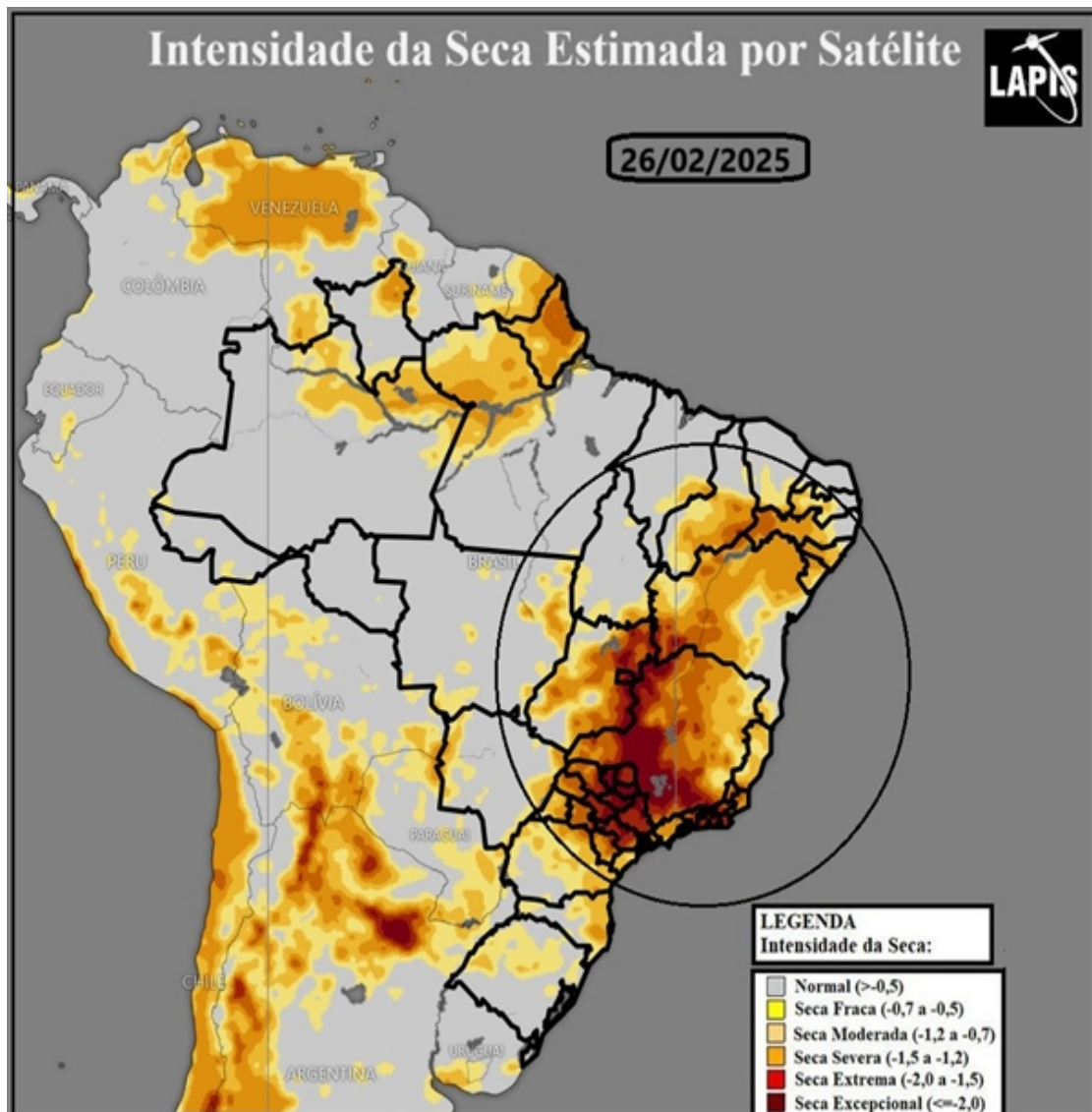
O meteorologista Humberto Barbosa, fundador do Laboratório Lapis, observou **uma tendência crescente no número de dias com calor extremo** em toda a região Centro-Sul do País. O efeito do calor é mais forte nas áreas urbanas.

As altas temperaturas **prejudicam a agricultura de diversas formas**, afetando o crescimento das plantas, a qualidade dos frutos e a disponibilidade de água.

As mudanças climáticas provocam secas mais frequentes, **perda de produtividade das lavouras**, incêndios florestais, com impactos diretos e indiretos para os serviços ecossistêmicos. O [artigo completo](#) acaba de ser publicado no periódico *Atmosphere*.

>> **Leia também:** [La Niña chega com características incomuns. O que isso significa para o clima?](#)

## Mapeamento mostra seca intensa no Sudeste e em áreas do Semiárido





O Laboratório Lapis atualizou o **mapa de monitoramento da intensidade da seca**, nas regiões brasileiras. De acordo com o mapa, a seca severa afeta atualmente a região Sudeste, além de áreas do Semiárido brasileiro, Goiás, Paraná e algumas áreas da região Norte.

No mapa, as cores em laranja e vermelho mostram como **piorou o percentual de umidade do solo** e dos volumes de precipitação, quando comparado com a média histórica. É o caso do Maranhão e Piauí. A mesma condição é observada em grande parte do Rio Grande do Sul, embora com registro de estiagem menos severa.

O mapa compara a atual quantidade de umidade do solo, com a média do mesmo período de 1961 a 2010. **As áreas com seca prolongada** (em tons de laranja e vermelho, no mapa), apresentam os seguintes impactos:

- 1) **Déficit severo de precipitação**: aumenta o risco de incêndios florestais;
- 2) **Baixos níveis das águas**: impactam diretamente no transporte fluvial e terrestre, afetando a economia da região;
- 3) **Solo seco**: com déficit de umidade a longo prazo.

>> **Leia também:** [Situação do Atlântico melhora previsão climática para o Norte e Nordeste](#)

## Mais informações

Os mapas utilizados em nossos posts fazem parte do portfólio de produtos de monitoramento por satélite do Laboratório Lapis. Se você quer aprender a [utilizar as Geotecnologias](#), para gerar mapas e produtos de monitoramento por satélite, **você tem a oportunidade de passar 01 inteiro** sendo treinado diretamente pela equipe do Laboratório Lapis. Para dominar o software livre QGIS, até o nível avançado, inscreva-se para o [Curso de QGIS “Mapa da Mina”](#).

### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso]. Disponível em: [Link do artigo].

Copyright © 2017-2025 Letras Ambientais | Todos os direitos reservados | [Política de privacidade](#)

